



IV Congresso
História
da Arte
Portuguesa

Homenagem
**José-Augusto
França**

Actas

Sessões Simultâneas (2.^a edição revista e aumentada)

2014

apha
associação portuguesa de
historiadores da arte

Título

Actas do IV Congresso de História da Arte Portuguesa
em Homenagem a José-Augusto França
Sessões Simultâneas (2.ª edição revista e aumentada)

Coodenação

Begoña Farré Torras

Revisão de texto

Helena Roldão

Colaboração

Ughetta Molin Fop e Eloísa Rodrigues

Propriedade

APHA – Associação Portuguesa de Historiadores da Arte

© 2014 Autores e APHA

ISBN 978-989-20-4815-4

apha
associação portuguesa de
historiadores da arte

IV congresso de História da Arte Portuguesa
Em homenagem a José-Augusto França

Fundação Calouste Gulbenkian, 21 a 24 de Novembro de 2012

Uma iniciativa da APHA – Associação Portuguesa de Historiadores da Arte

Comissão de Honra

António Costa
Artur Santos Silva
Eduardo Lourenço
Emílio Rui Vilar
Francisco José Viegas
Jorge Sampaio
José Mattoso
Mário Soares
Nuno Crato
Nuno Portas

Comissão Organizadora

Maria Helena Barreiros
Pedro Flor
Raquel Henriques da Silva

Comissão Executiva

Begoña Farré Torras
Isabel Falcão
Joana Monteiro

Comissão Científica

Ana Tostões, Instituto Superior Técnico
António F. Pimentel, Museu Nacional de Arte Antiga
José C. Vieira da Silva, Universidade Nova de Lisboa
Mário Barroca, Universidade do Porto
Myriam A. R. de Oliveira, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Raquel Henriques da Silva, Universidade Nova de Lisboa
Sylvie Deswarte-Rosa, Centre National de la Recherche Scientifique-Lyon
Vitor Serrão, Universidade de Lisboa
Walter Rossa, Universidade de Coimbra

ÍNDICE

Nota à 2.ª Edição	8
--------------------------------	----------

SESSÃO TEMÁTICA 1 – DA “ARTE COLONIAL” ÀS “ARTES E A EXPANSÃO”: DINÂMICAS RECENTES

<i>José Coelho de Noronha, arquiteto: um mestre lisboeta nas Minas Gerais setecentistas</i>	9
André Guilherme Dornelles Dangelo	

<i>Bom Jesus de Goa: a Igreja da Casa Professa como testemunho do trabalho missionário dos jesuítas na Índia</i>	16
António Nunes Pereira	

<i>Um calígrafo/pintor de manuscritos em Vila Rica no século XVIII: reflexões sobre interlocuções culturais.....</i>	17
Márcia Almada	

<i>Relay race with a silver statue: the interaction of the Portuguese Viceroy with an image of Saint Francis Xavier in Goa.....</i>	27
Urte Krass	

<i>A salvaguarda do património arquitectónico ultramarino durante o Estado Novo (1958-1974)....</i>	28
Vera Félix Mariz	

SESSÃO TEMÁTICA 2 – ARTE CONTEMPORÂNEA EM CONTEXTO. ARTE PÚBLICA, NATUREZA E CIDADE

<i>Monumentos coloniais em tempos pós-coloniais. A estatuária de Lourenço Marques</i>	36
Gerbert Verheij	

<i>Os sistemas de encomenda de Arte Pública do Estado Novo e a configuração de espaços de representação na cidade de Lisboa: o exemplo da zona marginal de Belém</i>	46
Helena Elias	

<i>A basílica da Santíssima Trindade do Santuário de Fátima: a nova paisagem artística da Cova da Iria</i>	54
Marco Daniel Duarte	

<i>Financiamento privado na Arte Pública</i>	64
Sónia Isabel Santos da Rocha	

SESSÃO TEMÁTICA 3 – AS ARTES DECORATIVAS NO ESPAÇO PORTUGUÊS

<i>Os “Panos da Índia” em Portugal: integração e consumo dos artigos têxteis asiáticos na sociedade portuguesa dos séculos XVI a XVIII.....</i>	72
Maria João Pacheco Ferreira	

<i>As artes decorativas na capela de S. João Baptista: significado teológico-político.....</i>	82
Elisabete Correia Campos Francisco	

<i>Fragmentos da indumentária fúnebre do arcebispo Dom Gonçalo Pereira: entre lampassos, bordados e passamanaria</i>	87
Paula Monteiro, Ana Claro, Cristina Dias, António Candeias	

<i>Os inventários dos bens de D. Filipa de Sá, condessa de Linhares (c. 1542-1618).....</i>	98
Cátia Teles e Marques	

SESSÃO TEMÁTICA 4 – A CASA NOBRE PORTUGUESA NO RESCALDO DOS SOLARES PORTUGUESES

<i>O palácio do Monteiro-Mor e a visão da arquitectura civil lisboeta na primeira metade de Setecentos por João Gomes da Silva (1671-1738), 4.º conde de Tarouca</i>	99
Maria João Pereira Coutinho	
<i>“Eu em todas tinha vontade de fazer aposento segundo a terra.” (Re)definições da habitação nobre tomando a Casa de Sortelha como perspectiva (séculos XVI e XVII)</i>	110
Luísa França Luzio	
<i>A casa do Barão de Quintela na Rua do Alecrim</i>	111
Inês Pais Gonçalves	
<i>O Palácio de Estoi, obra de Manuel Caetano de Sousa?</i>	121
José Eduardo Horta Correia	
<i>O núcleo de “escadas reais” e a formação de um modelo de palácio barroco: de João Antunes a André Soares</i>	122
Helder Carita	

SESSÃO ABERTA 1 – JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA: O LEGADO CRÍTICO E HISTORIOGRÁFICO

<i>A resistência do objecto à história da arte contemporânea: sobre a persistência do legado de José-Augusto França na escrita da história da arte em Portugal</i>	133
Mariana Pinto dos Santos	
<i>O lugar da crítica da arte na obra de José-Augusto França: cruzamentos e mediações (1947/1977)</i>	134
Cristina de Sousa Azevedo Tavares	
<i>O significado da obra de José-Augusto França na leitura da arquitetura do século XX português</i>	141
Rui Jorge Garcia Ramos	
<i>(Re)Ver Machado de Castro e João José de Aguiar</i>	148
Miguel Figueira de Faria	
<i>Lisboa levantada do chão</i>	162
Renata Malcher de Araujo	

SESSÃO TEMÁTICA 5 – CROSSING BORDERS – HISTÓRIA, MATÉRIAS E TÉCNICAS ARTÍSTICAS

<i>Crear en cera, una obsesión constante por un material metafórico</i>	175
Alicia Sánchez Ortiz	
<i>Ângelo de Sousa: documentar obra e criar documentos</i>	180
Paula Parente Pinto	
<i>Um contributo da Conservação e Restauro para o estudo da escultura monumental em barro cozido policromado do Real Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça – os escultores</i>	188
André Varela Remígio, João Pedro Veiga, Carlos Moura	
<i>A técnica e a cor do romantismo pelas mãos de Tomás de Anunciação</i>	200
Diogo Sanches, Ângela Ferraz, Tatiana Vitorino, Leslie Carlyle, Márcia Vilarigues, Rita Macedo, Maria João Melo	
<i>Um códice modernista: Amadeo e La Légende de Saint Julien l’Hospitalier</i>	208
Ana Margarida Silva, Cristina Montagner, Márcia Vilarigues, Rita Macedo, Maria João Melo, Marcello Picollo, Adelaide Miranda, João A. Lopes	

<i>No ateliê do pintor naturalista: espaços, equipamentos e materiais</i>	217
Ângela Ferraz, Leslie Carlyle, Rita Macedo	

<i>Os azuis na pintura de Nuno Gonçalves</i>	225
José Mendes, António João Cruz, António José Candeias, José Mirão	

SESSÃO TEMÁTICA 6 – HISTÓRIA DA CIDADE: NOVAS FRONTEIRAS EPISTEMOLÓGICAS PARA O SÉCULO XXI

<i>Columbano Bordalo Pinheiro, a cidade e o interior burguês</i>	232
Manuel Villaverde	

<i>Lisboa no Cinema Novo Português</i>	241
Luís Urbano	

<i>Interrogar e divulgar a Cidade: o passado activo de Lisboa</i>	246
Paula André	

<i>“Cidade e Espectáculo”: um modelo de laboratório em história da cidade</i>	251
Maria Alexandra Gago da Câmara, Helena Murteira	

<i>Pensar a cidade e a sociedade: Lisboa</i>	260
Mafalda Teixeira de Sampayo, Teresa Marat-Mendes	

SESSÃO TEMÁTICA 7 – HISTORIOGRAFIA E CRÍTICA DA ARTE EM PORTUGAL

<i>Les Arts en Portugal by Count Atanazy Raczyński - New Approach to the Legacy of Early Art History in Portugal</i>	269
Dorota Molińska	

<i>El Greco en el Modernismo portugués: de la influencia intuitiva a la copia directa</i>	274
Antonio Trinidad Muñoz	

<i>Estética de Almada Negreiros: Mestres e fundamentos filosóficos</i>	275
Maria de Fátima Lambert	

<i>A crítica de arte debaixo de fogo: “serviço de utilidade” ou “moral de combate”? O I Encontro dos Críticos de Arte (1967) e os escritos de António Areal</i>	284
Catarina Rosendo	

SESSÃO TEMÁTICA 8 – MUSEUS, EXPOSIÇÕES E COLECÇÕES

<i>O acervo de pintura portuguesa da pinacoteca da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro: considerações sobre a sua constituição e suas funções</i>	290
Arthur Valle, Camila Dazzi	

<i>A “viragem” museológica. O Estado Novo apropria-se dos Palácios Nacionais</i>	297
Maria de Jesus Monge, Luís Filipe da Silva Soares	

<i>Projecto adiado: o Museu de Arte Contemporânea, em Lisboa. 1934-1943</i>	298
João Paulo Martins	

<i>João Couto e a formação dos conservadores dos museus, palácios e monumentos nacionais (1935-1962)</i>	299
Maria Madalena Cardoso da Costa	

<i>Como se forma uma museóloga? Contributos para o estudo de Maria José de Mendonça (Museu Nacional de Arte Antiga, 1933-1938)*</i>	312
Sofia Lapa	

SESSÃO ABERTA 2 – TEMAS DE ARTE MEDIEVAL

<i>Speaking with hands in Medieval visual culture. The imaging of gesture language in the Lorvão Apocalypse</i>	323
Alicia Miguélez Cavero	
<i>As gárgulas e os livros sobre os “peccados comuns e geeraes a todos os estados”</i>	324
Catarina Fernandes Barreira	
<i>A microarquitectura nos túmulos de D. Pedro e D. Inês de Castro</i>	333
Francisco Teixeira	
<i>La muerte de la Reina de Portugal en Zaragoza en 1498: duelo, patronazgo artístico y ajuar doméstico</i>	339
Begoña Alonso Ruiz	
<i>“Um bom e fermoso paço do concelho” no “milhor e mais nobre lugar da uila”</i>	348
Luísa Trindade, Caroline Aragão Cabral	

SESSÃO TEMÁTICA 9 – PORTUGAL E A EUROPA 1500-1800: PRESENÇAS E INFLUÊNCIAS

<i>A circulação de formas, modelos, teorias e proporções pela via da tratadística: as experiências efetuadas nos claustros portugueses do Renascimento</i>	359
Ana Duarte Rodrigues	
<i>Reflexos da tratadística na arte beneditina portuguesa</i>	371
Eva Sofia Trindade Dias	
<i>La policromía barroca en la Catedral de Tui. Maestros portugueses (1695-1742)</i>	382
Francisco Javier Novo Sánchez	
<i>“Las Salesas Reales”, lugar de encontro para as culturas artísticas espanhola e portuguesa em tempos de Dona Maria Bárbara de Bragança</i>	391
Iván Rega Castro	
<i>Tracce sull'apprendistato romano dei pittori portoghesi al tempo di João V: i taccuini di João Ströberle (1741-1742)</i>	401
Sabina de Cavi	

SESSÃO TEMÁTICA 10 – O RETRATO

<i>Rostos da Lusitânia: uma introdução ao retrato escultórico na Antiguidade Clássica e Antiguidade Tardia no actual território português</i>	402
Filomena Limão	
<i>“Tirados assaz bem ao natural”: pistas para pensar a concepção de retratística na arte medieval através da tumulária feminina trecentista em Portugal</i>	409
Joana Ramôa Melo	
<i>Estrategia familiar y prestigio cortesano en los retratos de Don Manuel de Moura y Corte Real, II marqués de Castel Rodrigo</i>	421
David García Cueto	
<i>Retratos do actor como celebridade. Contaminação entre a pintura e o teatro nos retratos de David Garrick</i>	428
Maria Carneiro	
<i>Crise do retrato: dissolução ou deslocamento do género? O estranho caso de Lourdes Castro ...</i>	435
Bruno Marques	

SESSÃO TEMÁTICA 11 – “VAI E VEM”: QUESTÕES DE CULTURA VISUAL

<i>Para além da “arte”: habitus e imagem</i>	442
Maria Inês Afonso Lopes	
<i>Da poesia plástica ao pensamento visual: inquérito de um possível trajecto</i>	448
Emília Pinto Almeida	
<i>Panofsky e a tradição da Bildwissenschaft, para lá do cerco ao método iconológico</i>	454
Maria Coutinho	
<i>Regimes escópicos. Da descontinuidade da visão aos limites da visualidade</i>	462
Sílvia Pinto	

SESSÃO ABERTA 3 – PÚBLICO E PRIVADO, DO ANTIGO REGIME À MODERNIDADE

<i>O Colégio Real de São Paulo em Coimbra e a definição do tipo de colégio secular</i>	469
Rui Lobo	
<i>A emergência da arquitetura pública na 2.ª metade do século XVIII. Novas tipologias: José da Costa e Silva (1747-1819) e a encomenda do Hospital Militar de Runa (1792).</i>	480
José de Monterroso Teixeira	
<i>O que Cirilo não sabia sobre Giovanni Grossi e os outros estucadores suíços em Lisboa</i>	490
Isabel Mayer Godinho Mendonça	
<i>“Beckford Hill” ou quinta de Monserrate. Um projecto inspirado pelo sentido do lugar.</i>	499
Maria João Neto	
<i>O design de interiores domésticos em Portugal: (re)interpretar e (re)inventar face à condição da modernidade. O espaço quotidiano projectado como um todo.</i>	500
Mónica Romãozinho	

SESSÃO ABERTA 4 – ARQUITECTURA PORTUGUESA

<i>Super-realismo, ou o involuntário surrealismo de Cassiano Branco</i>	509
Paulo Tormenta Pinto	
<i>O Enigma da Hora: surrealismo e arquitectura portuguesa</i>	516
Jorge Figueira	
<i>A Construção do Quotidiano: Arquitectura ‘Bread-and-butter’ no Sul de Portugal, 1925-1950</i> ..	518
Ricardo Agarez	
<i>Casas de emigrantes e insurreição estética no “berço” da Nação. Imagens, representações e discursos sobre a paisagem em Portugal.</i>	526
Isabel Lopes Cardoso	
<i>O Inquérito à Arquitectura Regional: contributo para uma historiografia crítica do Movimento Moderno em Portugal</i>	535
Maria Helena Maia, Alexandra Cardoso	

ÍNDICE DE AUTORES	553
--------------------------------	-----

APOIOS	554
---------------------	-----

Nota à 2.ª Edição

A presente publicação recolhe versões revistas e aumentadas das comunicações apresentadas nas Sessões Simultâneas do IV Congresso de História da Arte Portuguesa em Homenagem a José-Augusto França, que teve lugar na Fundação Calouste Gulbenkian de 21 a 24 de Novembro de 2012. Trata-se, portanto, da segunda edição destas Actas, cuja primeira edição foi publicada no CD entregue aos participantes e público do Congresso junto com o livro de resumos.

As comunicações aqui contidas seguem a ordem do programa de trabalhos do Congresso, estando portanto organizadas em sessões temáticas e com indicação da data de apresentação.

No caso dos autores que optaram por não publicar neste volume a versão revista da sua comunicação, aparece em seu lugar apenas o resumo da mesma, desde que aprovado pelo autor.

Foram uniformizadas as listas bibliográficas que aparecem no fim de cada comunicação, tendo-se deixado no entanto à escolha dos autores a norma de referência bibliográfica utilizada no texto e nas notas de rodapé, bem como a adopção ou não do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Errata

As imagens que acompanham os textos *Rostos da Lusitânia: uma introdução ao retrato escultórico na Antiguidade Clássica e Antiguidade Tardia no actual território português* (p. 402) e *O que Cirilo não sabia sobre Giovanni Grossi e os outros estucadores suíços em Lisboa* (p. 490) foram originalmente omitidas por erro e aparecem agora no fim do volume, nas páginas 447-449 e 450-452 respectivamente.

23 NOVEMBRO SESSÃO ABERTA 4 – ARQUITECTURA PORTUGUESA*O Enigma da Hora: surrealismo e arquitectura portuguesa***Jorge Figueira**

Departamento de Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra

A arquitectura portuguesa da segunda metade do século XX tem uma relação intersticial com o surrealismo que a leitura historiográfica corrente, centrada na aferição da modernidade, entendida como relação de parentalidade com o “racionalismo”, não tem considerado.

Como temos vindo a investigar, em particular na dissertação de doutoramento que apresentámos na Universidade de Coimbra em 2009, entendemos que a arquitectura portuguesa é rica em estratégias que visam deslocar ou recriar a relação, sempre em perca, com o “centro”. Nos casos de estudo que apresentamos, entendemos que esses itinerários cruzam-se com metodologias, figurações, sensibilidades, que propomos próximas do surrealismo.

Esta cumplicidade livre com o surrealismo permite que a arquitectura portuguesa ganhe espaço e descentralize a sua performance, assumindo a sua marginalidade: quer pela introdução do anedótico ou do trocista, que transborda na obra de Pancho Guedes, quer por uma superação por excesso de realismo, que situamos em particular na obra de Manuel Vicente.

Às vezes esta estratégia é deliberada e beligerante face às veleidades olímpicas e higienistas da arquitectura moderna. Outras vezes, é o próprio processo e a vida decorrente que dá às obras o clima de um cadáver esquisito.

Consideramos dois momentos fundamentais no atravessamento dessa brisa anti-racionalista: os anos 1960/70, em que em Portugal tudo é algo sussurrado, mas Pancho Guedes em Moçambique e Manuel Vicente em Macau, falam alto; e os anos 1980, em que o espaço é aberto e a fruição é mais livre, e Pancho Guedes e Manuel Vicente ganham também por isso uma nova centralidade, que se revelará, no entanto, efémera.

A estratégia de Pancho Guedes, que retrocede do surrealismo até ao dadaísmo, revela-se no modo como tudo na sua obra é ornamentalizado, transformado em figura, em ilustração parasitária, porque sabe que esse é o obstáculo maior em face do higienismo e do produtivismo moderno. Como complicar à fluência da máquina? Como prejudicar a operação da máquina? Pancho arcaíza o moderno, e moderniza o arcaico, recusa a linha justa, a que prefere uma erupção de linhas entrelaçadas, em nojo da simplicidade. Cita Salvador Dalí – “odeio a simplicidade em todas as suas formas” – acrescentando: “e eu também, quase sempre”. Do ponto de vista táctico, Pancho circula no Team 10, que está, na prática, a dissolver a doutrina da arquitectura moderna; mas a sua estratégia é dadaísta, não visa substituir este programa por outro, fazer uma revisão ou adaptação, mas provar que “o sistema mais aceitável é não ter nenhum” como Tristan Tzara escreve no Manifesto Dada de 1918. Pancho faz uma espécie de wikipedia dos estilos, nivelados e redefinidos com a sua caligrafia, não no sentido da anulação e polimento, mas como cabeças do mesmo monstro lírico. São analisados, neste quadro, o Polana Bar, Lourenço Marques, 1954-55; o “Leão Que Ri”, Lourenço Marques, 1956/58; e a Igreja da Sagrada Família, Machava, 1964.

No caso de Manuel Vicente, analisaremos o Arquivo Histórico, Macau, 1983/85; a Teledifusão de Macau TDM, Macau, 1985/88; e a Casa dos Bicos, Lisboa, 1981/83

(com José Daniel Santa-Rita). A partir dos anos 1970, Manuel Vicente evolui no sentido de uma abordagem cada vez mais literária e anti-racionalista, que implica o uso da “colagem”, da réplica, da ampliação, do uso da cor e de uma saturação da geometria. O resultado é um espaço denso, labiríntico, electrizado. Macau é um território disponível para este projecto. Um recorrente uso de grelhas geométricas, com base no quadrado, formula a ordem que escapará sempre. Não são “traçados reguladores” mas dispositivos físicos que permanecerão na previsível ruína dos edifícios. Ou que, num uso hiperbólico, produzem o efeito contrário à ordem: no Arquivo Histórico, a grelha quadrangular é utilizada como um vírus em propagação, um geometrismo que esconde a sua lógica, criando um espaço labiríntico e saturado. A intervenção na Casa dos Bicos é uma transposição directa da teoria e da prática de Macau para um edifício patrimonial em Lisboa, e significa, em qualquer contexto, um excesso da forma e do não correspondente significado. O desenho das molduras das janelas, na fachada reconstituída, é feito por António Marques Miguel, em evocação livre do manuelino, acrescentando ao edifício ainda outra camada ficcional.

António Marques Miguel é outro arquitecto que nos interessa mapear. O Hotel do Cabrestante (Funchal, 1986), um projecto não realizado, é a demonstração de um formalismo exuberante, onde a arquitectura é carregada nos seus extremos. A obra de Marques Miguel remete para um “demasiado arquitectónico”, onde até o acidente é geometrizado. A obsessão pela geometria tem também aqui uma presença que supera qualquer veleidade ordenadora; transborda para um subconsciente activado pelo projecto.

Regressando aos anos 1960/70, para fecharmos este ciclo, Marcelo Costa é um arquitecto com uma motivação plástica e gráfica que está para lá do exercício racionalista ou orgânico da corrente moderna. No Navio Azul (Funchal, 1969-74), faz uma obra pop, ao aparentar o edifício com a figuração de um barco. Mas a coreografia de um barco permanentemente em terra, construído na avenida marginal do Funchal, tem também uma inscrição surrealista, que é possível reencontrar na sua produção, nomeadamente no projecto para o Auditório Kodak, em Los Angeles.

Em “Mapping the Postmodern”, Andreas Huyssen escreve: “o pós-modernismo dos anos 60 era caracterizado por uma imaginação temporal que exhibia um poderoso sentido de futuro e de novas fronteiras, de ruptura e descontinuidade, de crise e conflito generalizado, uma imaginação remanescente de antigos movimentos vanguardistas continentais como o Dada e o surrealismo.”

Nesse sentido, propomo-nos ainda entender o pós-modernismo como um surrealismo – avançado com a inclusão do pop – do final de século.